

A ruptura do processo de autorregulação e preponderância da sexualidade masculina por meio de artes homoeróticas

The Disruption of Self-Regulation and the Preponderance of Male Sexuality Through Homoerotic Arts

Simão Pedro Santos dos Santos¹ (Universidade Federal do Maranhão)

Resumo: O artigo pretende fazer uma análise da produção de pinturas homoeróticas e do seu potencial comunicativo e expressivo de desejos que rompam com o imaginário heteronormativo em torno dos corpos, pensamentos, desejos e produções artísticas. Será realizado uma discussão sobre a padronização dos desejos e da autorregulação promovida pela sociedade moderna através da cultura e das promoções estatais através das teorias de Norbert Elias com o objetivo de relacionar essas questões com a produção de artes do pintor Carlos Rodriguez.

Palavras-chave: estado moderno; sexualidade masculina; homoerotismo; psicogênese e sociogênese.

Abstract: The article intends to analyze the production of homoerotic paintings and their communicative and expressive potential regarding desires that break with the heteronormative imaginary surrounding bodies, thought, desire, and artistic productions. It will undertake a discussion on the standardization of desires and the self-regulation promoted by modern society through culture and state initiatives, drawing on the theories of Norbert Elias, with the aim of relating these issues to the art production of the painter Carlos Rodriguez.

Keywords: modern state; male sexuality; homoeroticism; psychogenesis, and sociogenesis.

DOI: <https://doi.org/10.47456/4yfjjw29>



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](#)

¹ Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bolsista atuante do PET Ciências Sociais e voluntário do PET Saúde e Equidade. Secretário da Comissão Maranhense de Folclore. Estuda e Pesquisa na área de gênero, principalmente nos seguintes temas: travestilidades, transfobia e travestis; homofobia, comportamentos e lógicas de relações homoeróticas; lutas territoriais e campesinato maranhense; masculinidades e saúde masculina. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8583-3809>.

Questões Iniciais

A política do ciborgue é a luta pela linguagem, é a luta contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todo significado de forma perfeita – o dogma central do falogocentrismo. É por isso que a política do ciborgue insiste no ruído e advoga a poluição, tirando prazer das ilegítimas fusões entre animal e máquina. São esses acoplamentos que tornam o Homem e a Mulher extremamente problemáticos, subvertendo a estrutura do desejo, essa força que se imagina como sendo a que gera a linguagem e o gênero, subvertendo, assim também, a estrutura e os modos de reprodução da identidade ‘occidental’, da natureza e da cultura, do espelho e do olho, do escravo e do senhor. (Donna Haraway, 2009, p. 88)

Quando se pensa na construção e na sustentação de pensamentos não hegemônicos, podemos compreender que essa linguagem transcende a escrita, ela está impressa nas ações, pensamentos, ideologia e em seus produtos. Em uma reflexão acerca da citação acima, da pensadora Donna Haraway (2009), podemos entender que o comportamento desajustado causa uma fratura nas estruturas socioculturais, frustra as expectativas estruturantes que nos permeiam em vários núcleos sociais e que, quando expressas por meio de tecnologias que rompem com a própria noção dimensional de espaço e tempo, as redes sociais, podem alcançar uma força significativa. Tais comportamentos geram outras perspectivas mediante os padrões comportamentais – estes que são produzidos e engessados através da cultura e interação entre os indivíduos.

Levando tal discussão em consideração, podemos assimilar que a produção de artes em tela, que serão analisadas neste texto, serão reconhecidas como transmissoras relevantes de: linguagem, ideias, desejos e manifesto político. As pinturas publicadas nas redes sociais desses artistas ganham a possibilidade de serem vistas, analisadas e admiradas como quaisquer outras produções artísticas quando, por exemplo, são colocadas em exposições de museus e feiras de arte. É através dessas redes que esses sujeitos encontram um espaço com um pouco mais de liberdade para suas telas e que, muitas vezes, é através da visibilidade conquistada nesses espaços virtuais que alguns artistas

conseguem realizar exposições dessas pinturas em museus relevantes. Neste artigo, pretendo fazer uma reflexão em torno da produção de materiais artísticos homoeróticos. Levando em consideração que o presente texto é produto de uma pesquisa realizada após uma série de estudos da disciplina de Teorias Sociológicas Contemporâneas, onde fiz uma análise de onze obras homoeróticas, dentre elas pinturas e esculturas, de cinco artistas distintos, contudo, aqui, serão analisadas apenas as obras do artista mexicano, de 45 anos, Carlos Rodriguez. A relevância e transgressão proposta por Rodriguez é um dos motivos de suas obras servirem de referencial neste artigo, justamente, por conseguir levar suas artes para museus renomados, onde esse tipo de produção não costuma alcançar espaço.

De acordo com Ligia Kas (2019), em matéria da revista RG, na sessão Cultura, “Cartel 011 recebe mostra do mexicano Carlos Radriguez”, realizada durante uma exposição feita em solo brasileiro, no espaço cultural “Cartel 011” e durante a parada LGBT de São Paulo, em 2019, o artista relata a importância política de um corpo homossexual nu, e traz, em suas obras, conteúdo afetivo, sexual e de liberdade, de modo que, com suas próprias palavras, afirmou que: “Tocar nestas questões também está tocando a censura, a vulnerabilidade e os preconceitos de uma sociedade que se assusta para reconhecer e aceitar o que é diferente”.

Pensando em qual maneira abordar essas obras, foi decidido traçar um debate teórico histórico e metodológico entre as produções: Norbert Elias, em “O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização” (1993), e João Silvério Trevisan, em “Devassos no paraíso” (2018). Com o propósito de compreender as relações em torno da produção da arte homoerótica, essas obras e suas teorias centrais serão utilizadas para que seja possível compreender a complexidade social e cultural através das lentes desses autores. A síntese teórica desses autores se faz necessária para que possamos compreender as nuances em torno do desejo afetivo e sexual, processos de vivências e expressões que permeiam as produções artísticas – que tomam dimensão nas redes sociais e plataformas digitais.

É relevante comunicar que, neste texto, é utilizada a categoria “homoerotismo” para se referir ao desejo e/ou experiências entre homens homo orientados. Isso devido ao peso histórico que a categoria homossexual carrega, por conta do preconceito e perseguições através da história e da própria ciência, que se basearam em ideais de que a homossexualidade era um comportamento biologicamente errado e, por muito tempo, vários profissionais da saúde e pesquisadores se mantiveram interessados em dissecar o ser homossexual. Cássio Rocha (2023) afirma que o uso da categoria homoerotismo gera possibilidades que fogem dos dispositivos ocidentais de controle sexuais, os deixando inoperantes dentre das produções científicas. Por conta disso, os aspectos eróticos expressos nas pinturas analisadas são aqui categorizados como pinturas homoeróticas, para romper com os estigmas socioculturais em torno da homossexualidade, ou pelo menos distanciá-los durante o processo de estudo.

Para além dos estigmas socioculturais, surge a necessidade de utilizar uma categoria que contemplaria o objeto de estudo e que não fizesse uma associação generalista – de que os homens que se relacionam, intimamente, com outros homens possuem uma exclusividade sexual e afetiva por atores do mesmo sexo. Homoerotismo é um termo amplo e dialoga, de maneira adequada, com o objeto a ser analisado, sem ficar preso a genitálias e em uma norma sexual exclusiva e de identidade. O psicanalista Jurandir Freire é considerado pioneiro no uso do termo; Ele afirma que não possui o arcabouço histórico, cultural, clínico e material – que são atribuídos pelos estigmas e estruturas sociais (Barcellos, 2006, pp. 20-21).

A ideia de analisar obras homoeróticas de artistas visuais que publicam suas obras nas redes sociais surgiu após uma produção acerca do comportamento homoerótico em locais públicos. Foram realizadas investigações, leituras e debates que dialogavam com as produções teóricas e debates em torno das categorias de gênero, sexualidade, identidade e comportamento. Estudando as obras, como a de Goffman (2010), pude fazer uma relação com sua teoria sobre o comportamento dos atores sociais. E através dessa assimilação consegui compreender

como as pessoas se comportam em público e como alguns grupos se comunicam de maneira silenciosa. Assim, pude associar esse comportamento com a maneira como homens homo orientados se comunicam e galanteiam por meio dos olhares e gestos específicos e silenciosos em ambientes públicos. Após essa investigação sociológica, refleti sobre o quanto o homoerotismo também está presente nas obras de arte, pois, como dito por pensadores e os indivíduos “comuns” no dia a dia: “a vida imita a arte” e “a arte imita a vida”. A experiência e a vivência homoerótica são uma parte importante da vida de algumas pessoas e é muito interessante o quanto as experiências individuais e coletivas influenciam na produção desses materiais artísticos que serão apresentados mais à frente.

O homoerotismo é visto de uma maneira muito pejorativa socialmente e, muitas vezes, é visto desta mesma maneira por indivíduos que possuem desejos homoeróticos. Pensando nisso, achei que fosse interessante utilizar Norbert Elias (1993) e sua idealização de “autorregulação” para compreender o que faz os indivíduos terem tanto receio, medo e até nojo de si mesmos. Auto repressão constante!

Sabemos que, na sociedade ocidental, a homossexualidade e o que advém dessa identidade são vistas como algo errado, em épocas e espaços específicos, e compreendidas como aberrantes, pois o padrão de configuração familiar é heterossexual e monogâmico.

Contudo, de onde vem essa repressão dos desejos dos indivíduos? Por que entendemos que não devemos agir de determinada forma? É intuição? É da biologia do homem se restringir e se controlar? Elias explica.

O homem é um indivíduo controlado

O homem, na sociedade moderna, é um ser controlado. Com a produção da civilização, ao longo dos séculos, o ser humano teve sobre si um controle perante seus sentimentos e comportamentos. Os sentimentos e a percepção dos homens são orientados pela sociedade através de um autocontrole estável e generalizado entre os indivíduos (Elias, 1993, pp. 193-194).

Fatos históricos correlacionados ao desenvolvimento econômico e social contribuíram para que Norbert Elias pudesse compreender e especificar a construção de dispositivos de controle social que agem sobre os indivíduos. Em meio a esse processo de desenvolvimento, a relação entre os homens se modificou. Eles ficaram cada vez mais dependentes, em um emaranhado de relacionamentos não fixos, variáveis, mutáveis e dinâmicos. A civilização e suas estruturas impõem uma dinâmica na qual essa rede de indivíduos precisa se adaptar e conviver (Elias, 1993, p. 195). As relações dinâmicas nomeadas por Elias geram uma rede, uma estrutura social que interage com os indivíduos, suas ações, pensamentos. A estrutura e as ações dos indivíduos estão relacionadas. Como se pode ver:

Do período mais remoto da história do Ocidente até os nossos dias, as funções sociais, sob pressão da competição, tornaram-se mais diferenciadas. Quanto mais diferenciadas elas se tornavam, mais crescia o número de funções e, assim, de pessoas das quais o indivíduo constantemente dependia em todas suas ações, desde as simples e comuns até as complexas e raras. À medida em que mais pessoas sintonizavam sua conduta com a de outras, a teia de ações teria que se organizar de forma sempre mais rigorosa e precisa, a fim de que cada ação individual desempenhasse uma função social (Elias, 1993, p. 196)

As ações individuais desempenham uma função social como dito na citação acima, o que gera um padrão de comportamento entre os indivíduos. A estrutura social que rege os comportamentos compreendidos como certos e errados foi moldada pelas redes de interação entre os indivíduos: a cultura, a economia.

A rede de relações e a estrutura social geraram mudanças psicológicas e comportamentais nos indivíduos. Como disse Elias (1993, p. 196): “uma espécie de automatismo, uma auto compulsão”. O automatismo é a naturalização de alguns comportamentos que a sociedade internalizou nas estruturas e nos indivíduos. Assim, isso se torna algo natural.

Esse processo de sintonia e expectativa entre o comportamento dos indivíduos gerou um dispositivo cognitivo de autorregulação. Dada sua natureza de se tornar automático, tal como os hábitos que praticamos

durante o dia, as ações do homem passam a se tornar socialmente orientadas sem que ele perceba, é inconsciente e preciso, pois, como disse acima, se naturaliza. Quando esse homem, esse ser racionalizado não se autorregula, age de uma maneira que vai contra as expectativas da estrutura e dos indivíduos, ele quebra ou age contra as normas socioculturais. Tal qual o homoerotismo, que vai contra as condutas de moral e expectativa social e familiar.

As redes de relações entre os indivíduos aumentam conforme as divisões do trabalho ocorrem. Durkheim (1983) afirma que as relações se complexificam em proporção ao desenvolvimento social e econômico, criando uma interdependência entre os sujeitos, o que ele denominava solidariedade orgânica. Em meio a essa enorme teia de relações, tem-se a estrutura social, os homens que vão contra a expectativa imposta e que não conseguem controlar seus impulsos e desejos são cada vez mais ameaçados (Elias, 1993, p. 198). Os homens que rompem com essas expectativas sofrem sanções de acordo como a sociedade e os indivíduos compreendem aquela transgressão. Essas sanções vão desde a exclusão social, a violência e a perda da liberdade até a morte.

Na sociedade moderna, tem-se a constituição de um monopólio da força, no caso, a criação e legitimação do Estado. Esse monopólio simbólico da força tem a capacidade de organizar, controlar e adentrar na vivência dos indivíduos (Elias, 1993, p. 200) através de algumas instituições, como: a ciência, o legislativo e a moral. No caso do homoerotismo, aqui no Brasil, temos a presença de duas das instituições que foram citadas e contribuíram para a estigmatização de pessoas LGBTQIAPN+: a ciência e a moral. João Trevisan, em “Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade” (2018), define esse problema social, a violência e os estigmas direcionados a um grupo, de “projeção ideológica” cujo afirma a existência dicotómica que segmenta grupos sociais e práticas não hegemônicas, e que com o tempo os transforma em alvos de violência em situações oportunas, no caso da homossexualidade, sempre quando a moral hegemônica precisa se afirmar, pois:

(...) a verdade é que a civilização sempre precisou de reservatórios negativos que possam funcionar como bodes expiatórios nos momentos de crise e mal-estar, quando então, por um mecanismo de projeção, ela ataca esses bolsões tacitamente tolerados. Em outras palavras, sempre que a minha situação não tem saída, a saída é atacar o mal fora de mim. As periódicas perseguições aos judeus têm sido, ao longo da história, claro exemplo dessa projeção ideológica. (Trevisan, 2018, p. 21).

Quando o autor utiliza “atacar o mal”, remete-me a noção de que a ideologia hegemônica usa um processo dicotômico entre puro e impuro, bem e mal, santo ou pecaminoso para representar o outro. Uma ideia que segregava os grupos e práticas diferentes, colocando-os em campos opostos, distantes até mesmo das condições de humanidade e liberdade. Por isso, o autor enfatiza processos de violências e dispositivos de segregação antigos e atuais, que se manifestam sempre que algo foge da normatividade, sempre que algo foge dessa rede de expectativas.

O Estado detém o poder da violência física. Existe uma criação de um único núcleo de homens armados, treinados e que controlam a violência, e para onde e por quais motivos direcioná-la. Tal monopolização da violência é produtora e organizadora das funções sociais e de trabalho do restante dos indivíduos; além de também ser uma orientadora do comportamento e condicionadora dos desejos dos indivíduos, através da psicogênese que possui um constructo de dispositivos que regulam e reprimem (Elias, 1993, p. 201).

A criação de um Estado, um monopólio da violência, fez com que o homem tivesse menos medo da violência do outro homem. A diminuição do medo fez com que a autorregulação tomasse outras nuances e se torna cada vez mais parte da conduta do indivíduo (Elias, 1993, p. 203). O que eram expectativas e a noção de ter que abdicar de paixões e vontades passa a se tornar a vontade do próprio indivíduo, a normatização desses dispositivos de regulação. O autor menciona outros mecanismos onde esses dispositivos atuam, como nas escolas, no seio familiar, no trabalho. Através da socialização e da interação nas instituições, nos grupos sociais,

nos hábitos do cotidiano, a autorregulação do indivíduo age constantemente e é expressa através do próprio comportamento.

Percebo que Elias utiliza algumas categorias de Sigmund Freud (1856 – 1939): superego e inconsciente. “Superego” corresponde às normas, regras e à moralidade; a consciência sobre aquilo que é certo. O “Inconsciente” é o nível mais profundo de nossa mente, é o que nos influencia sem percebermos (Gellis; Hamud, 2011, p. 643). No geral, Elias nos apresenta dispositivos fiscalizadores, influenciadores e reguladores que estão internalizados na consciência dos homens.

Homens “corpudos” e peludos nas obras de Carlos Rodriguez

Carlos Rodriguez produz quadros e esculturas em cerâmica, porém, como o artigo se restringe nas produções de pinturas, não serão apresentadas aqui suas esculturas. Contudo, é interessante afirmar que elas também são produções homoeróticas. Em suas obras, ao retratar o corpo masculino, ele foge do habitual em obras eróticas trazer corpos atléticos e que atendem aos ditos padrões de beleza, consideravelmente inalcançáveis. Ele utiliza e transforma em objeto de desejo os corpos masculinos gordos e peludos de homens latino-americanos.

De acordo com a galeria de arte não convencional Edji Gallery, Carlos Rodriguez é um artista que desafia os padrões socioculturais, de sexualidade e gênero, e consegue levar suas produções artísticas para exposições populares em outros países, pois:

Sua produção explora temas em relação a sexualidade, gênero e identidade através de desenhos, pinturas e esculturas de cerâmica que celebram a figura masculina. Suas pinturas possuem influências clássicas e de arte espontânea e expressa figuras masculinas naturalistas imersas em fantasias e curtição. Com o passar dos anos, Rodriguez elevou sua arte para um patamar global, onde esteve em exposições de galerias renomadas em: Nova York, Paris, Los Angeles, São Paulo, Hong Kong e Dubai. (Edji Gallery, 2022, tradução nossa)²

² His work explores themes of sexuality, gender, and identity through drawings, paintings, and ceramics that celebrate the male figure. Drawing inspiration from classical painting and naïve art, his work captures the essence of men immersed in natural expressions of play and fantasy. Over



Figura 1. intitulada pelo autor como "#7", essa pintura é pertencente da coletânea "Blue Drawind", criada em 2023 pelo artista. A pintura é monocromática em tons de azul. Nela, temos um homem de estatura grande, o que seria considerado como um homem gordo, se masturbando de ponta cabeça em cima da cama, enquanto o sêmen cai sobre seu rosto. Fonte: Carlos Rodriguez. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Crq9zW2I-37>. Acesso em: 27 mai. 2025.

the past four years, Rodriguez has brought his art to the global stage, exhibiting in renowned galleries across New York, Paris, Los Angeles, São Paulo, Hong Kong, and Dubai.

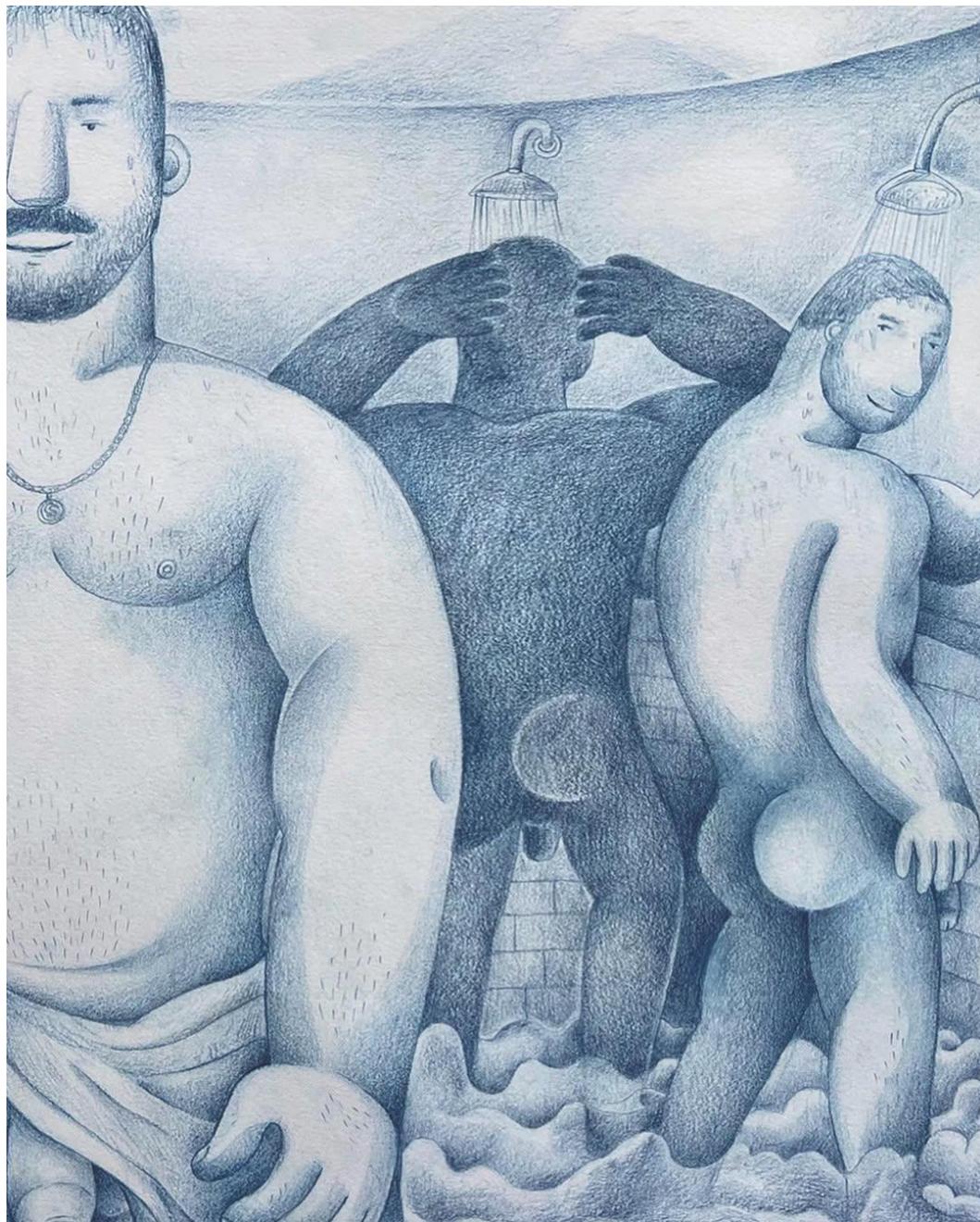


Figura 2. Intitulada pelo pintor como "a sauna", a pintura é pertencente da Coletânea "Blue Drawing", criada em 2023. A tela é monocromática em tons de azul e retrata três homens de estatura grande tomando banho em um chuveiro coletivo de uma sauna gay, enquanto se olham com desejo. Fonte: Carlos Rodriguez. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqQDGq9Ne5W/>. Acesso em: 27 mai. 2025.

Nas pinturas de Rodriguez, podemos perceber que possuem a intenção de romper com padrões comportamentais e estéticos de nossa sociedade ocidental. Ele dá cor, formas e visibilidade a corpos, consideravelmente grandes e peludos, que não são vistos e propostos a serem objeto de

desejo. Na Figura 1, temos a pintura de um homem gordo se masturbando e sentido prazer com seus toques e seu próprio sêmen escorrendo pelo rosto. Essa ilustração faz parte de uma coletânea de pinturas em tons de azul, chamada de “*Blue Drawing*”, disponíveis na página do Instagram do artista. O comportamento transgressor que o artista promove em suas pinturas nos leva a compreender que existe uma transformação cultural e psicológica, na qual homens estão expressando com maior facilidade e naturalidade seus desejos por outros homens, superando o constructo social que impera em nossas consciências sobre os desejos considerados adequados. Podemos pontuar em quais dimensões essas obras conseguem impactar as mentes e os corpos com os quais elas estão se comunicando: familiar, afetivo, sexual, padrões de beleza, artístico.

Os quadros acima, Figuras 2 e 3, trazem uma representação em comum, que é a atração e o envolvimento sexual entre um grupo de homens. O que foge mais ainda dos padrões de comportamento sexual: duas pessoas de gêneros opostos em intimidade em um espaço / ambiente privado. Os quadros demonstram o envolvimento sexual em ambientes não particulares. A ideia que temos na modernidade, de que o sexo se restringe ao âmbito do privado, está para além do pensamento, atravessa a cognição e a moral, pois está imposta e prevista através das leis providas pelo Estado Moderno (Brasil, 1940, art. 233). Quando Elias (1996, p. 201-202) fala do processo de socialização e constituição do Estado, ele discorre sobre o molde da cultura, dos costumes e da construção das leis, um instrumento regulador que opera em uma dimensão diferente da moral. O comportamento sexual passa a ser regulado também pelas leis, e mesmo que em alguns países a homossexualidade não tenha sido categorizada como crime, existiram outras ferramentas legais (no entendimento de legalidade perante o Estado) para “criminalizar” a prática, como a medicina e a produção científica, que contribuíram para a estigmatização social de indivíduos que infringiam esses comportamentos determinados pela ética e a moral. O sexo se restringiu ao espaço privado, mas não o homossexual, esse sempre fora tratado como público. Por isso são interessantes obras

como as de Rodrigues, que brincam com essas lógicas sociais no que se refere ao sexo entre homens. Ele naturaliza o homoerotismo como algo que não se distancia da natureza, do que é comum, normal, afetivo e instintivo.



Figura 3. Intitulada pelo pintor como "a dança", é uma pintura que esteve em exposição em 2018. A pintura, dessa vez bem colorida, é composta por cinco homens pelados em uma brincadeira de roda, enquanto alguns deles seguram o pênis um do outro e outros seguram as mãos para manter o círculo fechado. Fonte: Carlos Rodriguez. Disponível: <https://www.instagram.com/p/CMIUMojD72C>. Acesso em: 27 mai. 2025.

Rodrigues utiliza espaços que correspondem a vivências de muitos indivíduos que procuram locais como as saunas para conseguirem usufruir de sua sexualidade. Nesses ambientes, considerados por muitos

como discretos, esses atores se veem distantes do perigo de serem expostos para outrem e/ou conhecidos ou sofrerem retaliações por terem relações homoeróticas consensuais. A sauna também é um espaço onde essa sexualidade é produzida “livremente”. De acordo com o geógrafo Rafael Barreto, em “Entre sombras e vapores” (2017), dentre dos espaços urbanos, existem ambientes de sociabilidade homossexual, como as saunas, que são conhecidas como um espaço de interação sexual. Espaços como as saunas são ambientes que garantem o anonimato para os indivíduos, impedindo que, fora desses espaços, eles possam ser percebidos como indivíduos homossexuais ou adeptos da prática. As saunas são ambientes onde a sensualidade, a nudez e a virilidade estão, constantemente, presentes; onde a conquista por um parceiro ou parceiros e a expressão de desejos supera barreiras de comunicação através do uso de palavras – na maioria das vezes, o galanteio é feito através da troca de olhares. Esses ambientes são frequentados, em sua maioria, por homens homoafetivos ou homens que não se identificam identidades socialmente aceitas (Barreto, 2017, pp. 2-8)

Considerações finais

Neste trabalho, foi possível analisar e refletir sobre algumas categorias, como: homoerotismo, estrutura social, autorregulação, psicogênese, sociogênese, moral e Estado. Através dessa explanação, foi viável utilizar pinturas homoeróticas que representassem nuances da vivência de homens homo orientados, para compreender o quanto essas pinturas transmitem uma carga de realidade social que circunda esses homens e questiona a própria idealização do que é considerado adequado para ser transformado em arte.

Através das ideias de Norbert Elias, podemos nos lembrar de que se existe um processo que naturaliza determinados comportamentos, gostos e idealizações. O que significa que, em algum momento, qualquer narrativa que fuja dessa padronização é desnaturalizada e vista como aberrante, mesmo que ainda seja legítima.

Referências

- BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Dialogarts, Coleção Em Questão – Virtual nº 2.
- BARRETO, Carlos. **Entre vapores e sombras:** memórias e práticas em uma sauna masculina. Fazendo Gênero. Ed. 11. 2017.
- BRASIL. Decreto-**Lei n 2.848, de 7 de dezembro de 1940.** Código Penal. Art. 233. Define e regula crimes contra os costumes. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topics/10608816/artigo-233-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>. Acesso em: 27 mai. 2025.
- DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social.** 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** formação do estado e civilização. - Rio de Janeiro: Zahar. Vol. 2. 1993.
- GELLIS, André; HAMUD, Maria Isabel Lima. Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente. **Psicologia USP.** São Paulo, v. 22, n. 3, pp. 635-654, jul./set. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/ZWDxQkLTpwyfVBdGQcQgH3q/>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** 16. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: TADEU, Thomas (Org.). **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 33-118, 2009.
- KAS, Ligia. Cartel 011 recebe mostra do mexicano Carlos Radriguez. **SITE RG,** 15 jun. 2019. Disponível em: <https://siterg.uol.com.br/cultura/2019/06/15/cartel-011-recebe-mostra-do-mexicano-carlos-radriguez/>. Acesso em: 2 mai. 2025.
- ROCHA, Cássio. Homoerótimo, sodomia e vida cotidiana no Brasil Colonial (séculos XVI-XVIII). In: MAIOR, Paulo Souto; Quinalha, Renan (org.) **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil.** 1ª ed. – São Paulo: Elefante, pp. 61-88, 2023.
- RODRIGUES, Carlos. **Edji Gallery.** 2024. Disponível em: <https://www.edjigallery.com/artist/carlos-rodriguez>. Acesso em: 15 fev. 2025.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso:** a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade – 4^a ed. Ver., atual. – Rio de Janeiro: Objetiva. 2018.

Recebido em: 06 de maio de 2025.

Publicado em: 27 de junho de 2025.